



O contexto sociocultural muçulmano: A literatura como veículo artístico e religioso.

Elcimar Virginio Pereira Malta ¹

RESUMO:

Durante a Idade Média Cristã/Ocidental o mundo conheceu o florescimento da cultura e Império Árabe, esse que foi encabeçado ideologicamente pelo advento do Islamismo. Muhammad (Maomé) após a revelação feita pelo Anjo Gabriel no deserto iniciou a pregação e seria o único profeta de uma nova religião. Sua doutrina foi possível ser passada graças a uma tradição de histórias orais que já existia na península arábica e arredores. As várias cidades recebiam vários poetas que perpetuaram sua tradição através de uma métrica característica, essa que auxiliou o Profeta para o estabelecimento da religião muçulmana. Assim, o objetivo desse artigo é mostrar a influência que a literatura e a tradição oral tiveram na organização desse importante Império.

Palavras-Chave: Império Islâmico – Literatura – Tradição Oral.

ABSTRACT:

During the occidental/Christian middle ages the world knew the flowering of the culture and Arabian Empire that was headed ideologically by the Islamism. Muhammad (Mahomet) after the revelation from Gabriel Angel in the desert began his preaching and he would be the only prophet of a new religion. His doctrine was able to be passed because of the oral tradition that already existed in Arabian Peninsula and surroundings. Various cities were visited by poets who perpetuated their tradition through one specific metric which helped the Prophet to establish the Muslim religion. So, the objective of this article is to show the influence of literature and the oral tradition in the organization of this important empire.

Key-words: Islamic Empire – Literature – Oral Tradition.

¹ Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), Especialista em Turismo e Patrimônio pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire).



Com a partida de Chahzenã, Chahriar ordenou ao grão-vizir que lhe levasse a filha de um dos seus generais do exército. O vizir obedeceu-lhe. O sultão dormiu com ela, e no dia seguinte, entregando-a para morrer, ordenou-lhe que procurasse outra para a noite seguinte. Por maior que fosse a repugnância do vizir em executar semelhantes ordens, como devia obediência cega ao sultão, viu-se obrigado a submeter-se. Levou-lhe, pois, a filha de um oficial subalterno, que também foi morta no dia seguinte. Depois, foi a vez da filha de um burguês da capital. Enfim, todas as noites, casava-se uma donzela e todos os dias morria uma mulher (ANONIMO, 2001, p. 38).

Certamente, As Mil e Uma Noites são os contos orientais que foram mais difundidos pelo mundo ocidental, sendo assim, pelo mundo como todo, pois esse livro é “considerado clássico universal desde o século XVIII, e uma das obras de ficção mais deslumbrantes de todas as literaturas” (CHALLITA, 1973, p. 28). Porém antes de falar mais especificamente sobre esse clássico literário, o presente trabalho irá abordar o contexto social antes e após o Alcorão, que diga se de passagem um livro além de religioso é considerado “do ponto de vista da beleza do estilo, a obra-prima da literatura árabe.” (CHALLITA, 2002, p. 09). Será tratado também o contexto literário e a importância que o Alcorão tem para a formação de uma tradição letrada dos seguidores do islã; e com isso a possibilidade do aparecimento de livros como o texto de Mizami, Laila e Majnun.

Por volta do século VII d. C., na região que damos o nome de Oriente Médio, vários povos ocupavam essa área e seus arredores. “A leste do Império Bizantino, do outro lado do rio Eufrates, havia outro grande Império, o dos sassânidas, cujo domínio se estendia sobre o que hoje é o Irã e o Iraque, e entrava pela Ásia Central adentro” (HOURANI, 2006, p. 25). Mas não só de grandes impérios era formada essa região: existiam reinos como o da Etiópia, “um reino antigo, que tinha o cristianismo em sua forma copta como religião oficial” (HOURANI, 2006, p. 26) e outro reino era o do Iemên, “que tinha sua própria língua, diferente do árabe falado em outras partes da Arábia, e sua própria religião” (HOURANI, 2006, p. 27).

Contudo, outros povos com uma organização mais simples que reinos e impérios habitavam a região da península arábica, uma região de difícil convivência, devido a austeridade do meio, pois a maior parte deste lugar “era estepe ou deserto, com oásis isolados contendo água para o cultivo regular” (HOURANI, 2006, p. 27), sendo



assim, deveria haver um controle populacional forçado para que a produção do oásis fosse suficiente para um determinado número de pessoas, e se passasse desse número, a sobrevivência desses pastores estaria em perigo. Essas pessoas

Falavam vários dialetos do árabe e seguiam diferentes estilos de vida. Alguns eram nômades criadores de camelos, carneiros ou cabras, dependendo dos escassos recursos de água do deserto; eram tradicionalmente conhecidos como “beduínos”. Outros eram agricultores estabelecidos, cuidando de suas safras ou palmeiras nos oásis, ou então comerciantes e artesãos em pequenos vilarejos que sediavam feiras. Outros ainda combinavam mais de um meio de vida (HOURANI, 2006, p. 27).

Sobre a organização social dos beduínos, como foi dito, é mais simples do que a dos Sassânidas, por exemplo, porque eles

Não eram controlados por um poder de coerção estável, mas liderados por chefes que pertenciam a famílias em torno das quais se reuniam grupos de seguidores mais ou menos constantes, manifestando sua coesão e lealdade no idioma da ancestralidade comum: tais grupos são em geral chamados de tribos (HOURANI, 2006, p. 27-28).

A partir dessa organização social foi se desenvolvendo uma cultura própria desses povos e que teve na Poesia uma de suas grandes virtudes, pois “parece ter havido um crescente senso de identidade cultural entre as tribos pastoris, demonstrada no surgimento de uma linguagem poética comum a partir dos dialetos árabes” (HOURANI, 2006, p. 29) e um tema que era recorrente nessa poesia remetia às características mais fortes dos beduínos, que era a “coragem, hospitalidade, lealdade à família e orgulho dos ancestrais” (HOURANI, 2006, p. 27).

Quanto à forma dos poemas, “a forma mais valorizada era a ode, ou *qasida*, um poema de até cem versos, escrito numa das várias métricas aceitas e com uma única rima ao longo de todo ele” (HOURANI, 2006, p. 31). Muito embora já houvesse na Arábia um sistema de escrita, os poemas geralmente não eram escritos; era preferível que eles fossem recitados e por isso havia a necessidade de uma uniformidade em todo o poema, por que “o sentido precisava ser transmitido num verso, uma quantidade única de palavras cujo sentido fosse captado pelos ouvintes, e toda apresentação era única e diferente das outras” (HOURANI, 2006, p. 31). Assim, “o poeta ou *rawi* tinha margem para improvisações, dentro de um esquema de formas e modelos verbais comumente



aceitos, do uso de certas palavras ou combinações de palavras para expressar certas ideias e sentimentos” (HOURANI, 2006, p. 31).

A oralidade não só servia para o armazenamento de poemas, mas também da história, pois “antes da ascensão do Islã, as tribos árabes tinham seus próprios registros orais dos atos de seus ancestrais, e de certa forma esses registros estão incorporados nos poemas que nos chegam daquele período” (HOURANI, 2006, p. 84). E foi assim, graças à tradição oral que foi possível mais tarde o Alcorão ser escrito, pois o próprio Muhammad (ou Maomé) não sabia ler ou escrever e pregava suas ideias dependendo das circunstâncias e seus seguidores eram aqueles que escreviam em qualquer material disponível no momento. Dessa forma, percebe-se a influência da tradição oral para o estabelecimento de uma religião, o Islã. Só depois que esse material, junto com os ensinamentos que estavam na memória das pessoas, os compiladores puderam criar o livro sagrado. “Segundo a versão tradicional, isso aconteceu na época de seu terceiro sucessor como chefe da comunidade, ‘Uthman (644-56)” (HOURANI, 2006, p. 41).

A oralidade para os árabes era tão usada que até a própria história do profeta Maomé usou dela para ser perpetuada até que chegassem a escrevê-la, pois “as fontes árabes que narram a vida de Maomé e a formação de uma comunidade em torno dele são de época posterior; o primeiro biógrafo cuja obra nos alcançou só escreveu mais de um século após a morte de Maomé” (HOURANI, 2006, p. 34). Há uma vantagem nisso, pois mesmo que havendo inverdades ou falta de verossimilhança na história do profeta, a narrativa mostra uma uniformidade e coesão.

Falaremos um pouco sobre sua vida. Por volta de 570, Maomé nasce em Meca, “sua família pertencia à tribo dos coraixitas, embora não à parte mais poderosa” (HOURANI, 2006, p. 34-35). Mais tarde ele se casou com Cadija, uma viúva comerciante e muito provavelmente abastada. Em suas viagens pelos desertos, um dia ele se encontra com um anjo em forma de homem, Gabriel, e ele lhe revelaria os caminhos e os ensinamentos que iriam ser posteriormente o Alcorão.

O deserto por sua vez teve papel importantíssimo para que o profeta tivesse essas visões e conseguisse falar com o anjo Gabriel. “O deserto é como um oceano arenoso ilimitado. Suas ilhas são os oásis. Mas ele possui algo que nenhum oceano



possui: as miragens, essas ilusões óticas que apagam o limite entre o real e o irreal e transformam o deserto numa região feérica” (CHALLITA, 1973, p. 11).

A partir dessa revelação o profeta iniciou a pregação dos ensinamentos que havia aprendido no deserto e “aos poucos, formou-se em torno de Maomé um pequeno grupo de crentes. [...] À medida que aumentava os seguidores de Maomé, suas relações com as principais famílias coraixitas foram piorando” (HOURANI, 2006, p. 36), até porque em Meca havia várias peregrinações para a chamada casa de todos os deuses, o santuário da Caaba, que mais tarde seria considerado a morada de Alá, o único deus. A nova crença ia contra as tradições mais antigas, a cidade iria perder muito de seu comércio devido a peregrinação constante para aquela cidade.

“Por fim, sua posição tornou-se tão difícil que em 622 ele deixou Meca e foi para um oásis trezentos quilômetros ao norte: Yathrib, que seria conhecido no futuro como Medina” (HOURANI, 2006, p. 27). Esse evento ficou conhecido como hégira, que significa fuga, mas não com seu sentido negativo, pois a fuga é para um local que não é o seu em busca de proteção. Outro fator importante da hégira é que esse evento dá início ao calendário muçulmano.

Em Medina, Maomé começou a acumular um poder que se irradiou pelo oásis e o deserto em volta. Logo se viu atraído para uma luta armada contra os coraixitas, talvez pelo controle das rotas comerciais, e no uso da luta formou-se a natureza da comunidade. Eles passaram a acreditar que tinham de lutar pelo que era certo: [...] Adquiriram a convicção de que Deus e os anjos lutavam ao seu lado, e aceitavam a calamidade, quando ocorria, como uma provação a qual Deus testava os crentes (HOURANI, 2006, p. 37-38).

Pouco tempo depois, em 629, Maomé marchou em peregrinação para Meca e chegando lá “os líderes da cidade entregaram-na a Maomé, que a ocupou praticamente sem resistência e anunciou os princípios de uma nova ordem” (HOURANI, 2006, p. 39).

Com a morte do profeta, quem assumiu o poder foi “Abu Bakr, um seguidor de primeira hora, cuja filha ‘A’isha era esposa de Maomé” (HOURANI, 2006, p. 43) e com ele os árabes não eram mais uma tribo desunida e desorganizada. Muitos haviam adquirido experiências militares pelo serviço a outros impérios ou na luta ao lado do Profeta. Isso fez com que o exército árabe se tornasse uma força organizada. E graças a esse poderio militar, “Abu Bakr e seus sucessores logo se viram convocados a exercer



liderança numa escala mais ampla que a do profeta” (HOURANI, 2006, p. 43); novas conquistas iriam ser empreendidas e abaixo do novo sistema religioso criado por Maomé e organizado e escrito pelos seus seguidores. Foi nessa época após a morte do profeta, que o Alcorão foi escrito e é dele que iremos tratar agora.

Não vos dedicais a ocupação alguma, e não recitais qualquer trecho do Alcorão, e não praticais ato algum sem que sejamos Nós testemunha do que fazeis. A Teu Senhor, não escapa nem mesmo o peso de uma formiga na terra ou no céu. E não há coisa menor ou maior que não esteja registrada no Livro evidente. (10:61) (CHALLITA, 2002, p. 47).

O Alcorão não só foi um grande livro, foi por causa dele que a língua árabe teve uma unidade e os povos que viviam sob seu desígnio passaram a praticar uma mesma cultura. Mais tecnicamente falando, o Alcorão, “conferiu ao árabe a disciplina, a força de expressão semântica, a elasticidade e também a concisão que tanto o valorizam na poesia, na exposição mística e ética, na filosofia e nas ciências” (CHALLITA, 2002, p. 16). Apenas um livro como esse pôde trazer um sentido unificador para as pessoas que habitavam as arábias, pois “o islã nascera em meio ao pluralismo religioso do Oriente Médio, onde várias religiões coexistiram durante séculos” (ARMSTRONG, 2002, p. 29) e assim o discurso do Alcorão deu um novo sentido para a vida dessa população para deixar suas antigas crenças e absorver e construir essa nova cultura.

O seguinte trecho do livro intitulado “As mais belas páginas da literatura árabe” de Mansour Challita exemplifica muito bem o que é o Alcorão:

A maior obra desta época, e talvez de toda a literatura árabe, é o próprio Alcorão, a mensagem de Maomé, o livro que fundou a religião muçulmana, fixou seu dogma e suas instituições e que ocupa, ao mesmo tempo, lugar destacado nas letras árabes, devido ao seu excepcional valor literário. Escrito numa prosa rimada de inimitável majestade e harmonia, é atravessado de imagens apocalíptica grandeza e evocação (CHALLITA, 1973, p. 20).

A respeito dos dogmas islâmicos, podemos citar cinco:

- Deus é o único e onipotente. É o criador e o senhor absoluto dos céus e da terra e de tudo quanto existe neles. Sabe tudo e pode tudo. Nada acontece senão pela Sua vontade. Faz o que Lhe apraz. Seu poder é ilimitado e discricionário. Os homens são seus servos (CHALLITA, 2002, p. 25).



- Outros elementos da religião muçulmana são a ressurreição dos mortos, o juízo final, a Geena (inferno) e o Paraíso (CHALLITA, 2002, p. 26).
- Maomé é o mensageiro de Deus, encarregado de transmitir Sua palavra aos homens (CHALLITA, 2002, p. 27).
- O Alcorão não classifica os homens conforme sua raça, cor, nacionalidade, cultura, posses econômicas, classes sociais. Não obstante essas diferenças, todos os homens são iguais ante Deus. O que os distingue é sua fé (CHALLITA, 2002, p. 27).
- Além das verdades em que o muçulmano deve crer, há cinco deveres que lhe são prescritos: a prece, o jejum, o pagamento do tributo dos pobres, a peregrinação a Meca e a guerra santa (CHALLITA, 2002, p. 28).

Assim, a religião muçulmana se revela simples e direta às pessoas: diz que o único profeta é Maomé, para que não haja pessoas vindas depois que venham querer dizer que também tiveram revelações da mesma forma da qual o profeta teve. Condena categoricamente “os judeus de terem corrompido as Escrituras, e os cristãos, de adorarem Jesus como o Filho de Deus, quando Deus nunca teve filho e quer ser adorado com absoluta exclusividade” (CHALLITA, 2002, p. 24-25) e assim quer mostrar o quanto essas outras religiões mais antigas estão erradas e que a nova fé é o que o leva ao caminho da salvação, até porque o islamismo também é de caráter escatológico, ou seja, crê no juízo final.

Também mostra que todos os homens são iguais e todos têm o direito de ingressar, após o juízo final, o Paraíso. Se a pessoa faz as cinco obrigações e adora a Alá devidamente certamente teriam seu lugar nos céus; se não iriam para o inferno. Fora que “a ausência de uma igreja muçulmana ou de um ritual elaborado tornava a conversão, feita apenas com umas poucas palavras, um processo fácil” (HOURANI, 2006, p. 53) Havia um detalhe bem específico a respeito da língua e escrita das palavras sagradas, onde o novo fiel tinha de aceitar que a revelação tinha sido feita na língua árabe.

Sobre as Leis do Alcorão, pode-se dizer que ela é composta de dois elementos: a severidade e um espírito de justiça, perdão e indulgência. “Além do código penal, há no Alcorão um código civil que regulamenta o casamento, o repúdio, a poligamia, os



juros, o vestuário feminino, as relações entre homens e mulheres, [...], e dezenas de outros assuntos” (CHALLITA, 2002, p. 16). Além de oferecer as bases da constituição de um Estado sob a orientação de um chefe político e religioso, ou seja, a formação de um Estado Teocrático. O Alcorão também mostra o modelo de comportamento social, “desde o asseio pessoal até as relações íntimas entre marido e mulher até a maneira de saudar, andar, responder aos insensatos, visitar o Profeta e dirigir-se a ele” (CHALLITA, 2002, p. 30).

A respeito do processo de expansão muçulmano sob as diretrizes do Alcorão, podemos dizer o seguinte:

A unificação da Arábia, praticamente completa quando da morte do Profeta, em 632; a fulgurante conquista, por um exército de cerca de 40 mil homens, da Síria e da Palestina, do Império Persa dos sassânidas e do Egito, na época dos três primeiros califas (632 – 56), e, em seguida, do Paquistão, do Norte da África e, em 711, da Espanha visigótica (BASCHET, 2006, p. 81).

Dessa forma, “alguns decênios depois da hégira, o Islã constitui um imenso Império comandado por um chefe supremo, que concentra os poderes militares, religiosos e políticos” (BASCHET, 2006, p. 81). Porém “o califa não era um profeta. Líder da comunidade, mas em nenhum sentido mensageiro de Deus, não pretendia ser porta-voz de revelações continuadas; mas ainda permanecia uma aura de santidade e escolha divina em torno da pessoa e do cargo dos primeiros califas” (HOURANI, 2006, p. 43). E é sobre os califados de Damasco e de Bagdá que iremos tratar agora.

Após o governo dos “sucessores diretos” do Profeta, os *Rashidun*, ou “Corretamente Guiados”, uma família conhecida como Omíada firmou o poder em suas mãos e foi a partir desse governo que o cargo de Califa passou a ser hereditário, mesmo que houvesse certa ideia de escolha, ou pelo menos reconhecimento pelos líderes das comunidades (HOURANI, 2006, p. 48).

A capital do Império foi transferida de Medina para Damasco, uma “cidade que ficava numa zona rural capaz de proporcionar o excedente necessário para manter uma corte, governo e exército” (HOURANI, 2006, p. 49) Seus soberanos

Aos poucos, abandonaram o modo de vida de chefes tribais árabes e passaram a adotar aquele mais tradicional entre os soberanos do Oriente Próximo, recebendo os convidados ou súditos segundo os usos



cerimoniais do imperador bizantino ou do rei iraniano (HOURANI, 2006, p. 49).

Implantaram o árabe como a língua oficial da administração, mudaram o sistema de cunhagem de moedas retirando as antigas imagens de rostos humanos e passando a colocar orações na língua árabe que mostravam a verdade trazida pelo Profeta, e mandaram construir uma série de mesquitas que eram destinadas ao ritual diário dos muçulmanos. A construção dessas mesquitas não só tem o significado religioso, elas também “eram símbolos não só do novo poder, mas do surgimento de uma comunidade nova e distinta. Da condição de crença apenas de um grupo governante, a aceitação da revelação feita a Maomé foi pouco a pouco se ampliando” (HOURANI, 2006, p. 52).

Entretanto, outra família sucedeu no poder, a família dos Abássidas, que vieram a transferir a capital do Império de Damasco para uma nova: Bagdá, “situada num ponto em que o Tigre e o Eufrates corriam próximos um do outro, e onde um sistema de canais criara ricas terras cultiváveis, que podiam produzir alimentos para uma grande cidade e receitas para o governo” (HOURANI, 2006, p. 49). Foi também no reinado dos abássidas que fora criado o cargo de vizir, conselheiro do Califa e tinha influência variável dependendo do comandante. Os Vizires se transformaram em chefes da administração e fazia o intermédio entre a mesma e o Califa. Os soberanos delegaram poderes a alguns de seus funcionários para administrar as regiões mais longes do centro do poder, o que de certa forma minou os poderes do Califa, pois fora de seu domínio visual esses soberanos poderiam ser dotados de influência que o próprio imperador não tinha.

Entre todas as novas conquistas, algumas brigas partidárias continuavam a acontecer, principalmente entre os Sunitas (os que defendem a Suna como outro livro a ser seguido) e Xiitas, que são defensores das leis mais tradicionais e que são parentes de um genro de Maomé, ‘Ali. “As revoltas xiitas do século IX favoreceram a fragmentação do Império, que se cinde em dinastias provinciais, das quais certos governantes assumem o título de Califa, a tal ponto que o califado de Bagdá perde, pouco a pouco, sua importância” (BASCHET, 2006, p. 82).

Mesmo com a fragmentação do poder político unificado em vários centros de poder, a cultura muçulmana já atingira um nível de unidade bastante forte, pois na



região onde o islã foi pregado, “grande parte da população tornara-se muçulmana. Não apenas a população urbana, mas um número considerável de habitantes rurais devia ter se convertido (HOURANI, 2006, p. 76). Fora que a língua árabe também se espalhou por esses locais onde o Islã passou. Assim,

Homens e mulheres do Oriente Próximo e do Magreb viviam num universo definido em termos do Islã. O mundo dividia-se na Morada do Islã e na Morada da guerra, e lugares santos para os muçulmanos ou ligados aos primórdios de sua história davam à Morada do Islã sua feição distinta. O tempo era marcado pelas cinco preces diárias, o sermão semanal na mesquita, o jejum anual no mês do Ramadan e a peregrinação a Meca, e o calendário muçulmano (HOURANI, 2006, p. 89).

Ou seja, as práticas muçulmanas estavam consolidadas.

Um ponto do islamismo que merece ser destacado é sobre a sua convivência com as outras religiões monoteístas, principalmente com os cristãos. “Não havia nenhuma lei no império islâmico contra a pregação cristã, desde que não atacasse a amada figura do profeta Maomé” (ARMSTRONG, 2002, p. 29). Tanto os cristãos, como os judeus e zoroastrianos “não eram obrigados a converter-se, mas sofriam com as restrições” (HOURANI, 2006, p. 76).

Ainda nos tempos do Califado de Bagdá surgiram as histórias das Mil e uma Noites que eram histórias da conhecida tradição oral que só mais tarde foi sistematizado pela escrita. Como foi citado no início desse capítulo, Chahriar, um rei, se casa e manda matar sua esposa nova no final do dia. E o motivo para isso foi à traição da sua primeira esposa e suas amigas com alguns servos; a história é basicamente a seguinte: Chahriar e Chahzenã eram irmãos do califado persa que estavam dominando parte da Índia. Os dois sempre foram muito amigos e quando o pai deles morreu e Chahriar, o irmão mais velho assumiu o posto de Califa e depois deu uma província para o seu irmão governar. Os irmãos se separaram e passaram muito tempo sem se ver.

Já fazia dez anos que os dois haviam se separado, quando Chahriar, desejando fortemente rever o irmão, mandou-lhe um emissário, o seu grão-vizir (primeiro ministro), que, partindo com um séquito, de acordo com sua dignidade percorreu o caminho mais rápido possível (ANÔNIMO, 2001, p. 27).

Quando o emissário chegou à corte de Chahzenã, ele ficou muito alegre por ir rever o irmão e se preparou para partir o mais rápido possível, mas no dia da partida



quando voltara aos seus aposentos viu que a sua esposa o traía com outro qualquer. Possesso, num ataque de fúria matou os dois e logo após isso partiu com o grão-vizir do seu irmão. E quando os irmãos se encontraram foi uma grande festa, porém a traição da sultana do reino da Grã-Tartária afligia os pensamentos de Chahzenã que foi convidado a uma caçada por seu irmão, mas preferiu ficar em seus aposentos e isso lhe revelou que na ausência de Chahriar, a sua sultana o traía também.

Contudo, apesar de profundamente absorto nos seus aborrecimentos, não deixou de perceber algo que lhe atraiu a atenção: uma porta secreta do palácio do sultão se abriu repentinamente para dar passagem a vinte mulheres, entre as quais a sultana, facilmente reconhecível pela sua imponência (ANÔNIMO, 2001, p. 30).

Chahzenã após ver as mulheres junto com os negros que também estavam lá se amarem, viu que não era a única pessoa do mundo que fora traída, isso o consolou e seu aspecto melhorou um pouco também.

Chahriar volta da caçada e pede ao seu irmão mais novo um desejo, que era saber o porquê da tristeza profunda a qual Chahzenã se encontrava. Ele relutou em dizer, porém falou tudo para o seu irmão e pediu para ele que mandasse organizar outra caçada, mas que logo os dois voltassem, ficassem nos aposentos de Chahzenã para verem os dois o mesmo acontecimento ocorrido durante a última caçada. Os irmãos fizeram isso e confirmaram a traição da sultana da Índia.

Eles saíram do palácio discretamente e num certo momento quando se escondiam numa árvore tiveram medo quando um gênio com uma caixa apareceu, Ele “era negro e medonho, tinha a forma de um gigante de prodigiosa altura e trazia sobre a cabeça uma grande caixa de vidro, fechada com quatro fechaduras do aço mais fino” (ANÔNIMO, 2001, p. 35).

Quando o gênio abriu a caixa, dela saiu uma mulher, que era sua amante. O gênio, muito cansado, dorme e a sua amante percebe os irmãos na árvore e manda-os descerem. Após isso ela faz uma proposta ousada para os dois para que sejam amantes dela apenas por aquela noite. Chahriar e Chahzenã depois de relutar um pouco por terem medo de acordar e desencadear a fúria do gênio, mas a moça os persuade dizendo que se eles não fizessem o que ela estava querendo, ela mesma iria acordá-lo e mandar matar os irmãos. Para confirmar o que ela queria fazer, disse: “Vedes, portanto que



quando uma mulher tem um propósito, não há marido nem amante capaz de lhe impedir sua realização” (ANÔNIMO, 2001, p. 36-37).

Depois disso Chahriar mandou matar sua esposa junto com as pessoas que a acompanhavam naquelas festas e tomou uma decisão muito cruel:

Depois de tão terrível punição, persuadido de que não existia mulher recata, e para evitar as infidelidades das que possuiria no futuro, resolveu desposar uma por noite, e ordenar que a estrangulassem no dia seguinte. Imposta tão cruel lei, jurou que começaria a observá-la imediatamente após a partida do rei da Grã-Tartária, que poucos dias depois se despediu, pondo-se a caminho, carregado de magníficos presentes (ANÔNIMO, 2001, p. 37-38).

Cheherazade era filha do vizir de Chahriar, e pede ao pai para se casar com Chahriar e ela tem a convicção que vai poder fazer com que ele pare de matar as mulheres a cada noite. Note-se que como foi dito anteriormente o cargo de vizir foi criado no califado de Bagdá, sendo assim as mil e uma noites tendo um indício de pertencerem a esse califado.

E a solução que ela encontrou foi pedir para que a sua irmã ficasse no leito também e a acordasse uma hora antes do amanhecer para que Cheherazade pudesse contar uma história, que no raiar do dia estaria em seu clímax, com isso, deixar o Sultão curioso e fazer com que ela acabe a história no outro dia; sendo que todas as noites é da mesma forma e cada história que Cheherazade conta fascina cada vez mais o Sultão que quer saber das histórias. E “até que mil e uma noites se passaram e o rei fez Sharazade sua rainha definitiva” (CHALLITA, 1973, p. 08).

A técnica que Cheherazade usava era justamente a mesma técnica que os poetas usavam: a rima. Pois da mesma forma que os poetas beduínos a tinham para decorar os poemas e mudá-los de acordo com a necessidade, os poetas posteriores também a usavam, para fazer com que as pessoas que os ouviam ficassem atentas ao que eles contavam e assim, muito provavelmente, ganhavam a vida declamando poemas e contando histórias em praças públicas e nos palácios reais.

Dessa forma, a partir da literatura o povo árabe pode mostrar algumas de suas qualidades para o mundo, “pois pela mesma forma com que um homem manifesta a qualidade de sua mente e de sua cultura quando fala ou escreve sobre qualquer assunto,



assim a literatura reflete em todos seus gêneros a qualidade da mente dos povos que a criaram” (CHALLITA, 1973, p. 05). E assim, tanto as mil e uma noites quanto o Alcorão fizeram parte desse trabalho para mostrar às pessoas do mundo a qualidade do pensamento e cultura do povo árabe.

E assim, através da literatura, pudemos entender um pouco sobre o processo de estabelecimento do Império Árabe através da ascensão do Islamismo como religião única e oficial, que irá unificar o povo pela língua, crença e principalmente: a cultura, que em grande parte se dá pela tradição oral dos poemas contados pelos quatro cantos do império já depois de formado. Esses poemas e histórias são fontes profícuas para o entendimento do pensamento do homem médio-oriental da Idade Média Cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Anônimo. *As Mil e uma Noites*. Trad.: de Antoine Galland, Vol. I Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *Maomé: uma biografia do profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

CHALLITA, Mansour. *As mais belas páginas da literatura Árabe*. Rio de Janeiro: ACIGI, 1973.

CHALLITA, Mansour. *O Alcorão ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: ACIGI, 2002.

HOURANI, Albert. *Uma história dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

